MACHADO, Silmara Augusta. O desenho da criança. Campinas, SP: [s.n.], 2007.

WIDLOCHER. D. Interpretação dos desenhos infantis. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

WALLON: A AFETIVIDADE E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

CAMILA CALDERON BARBOSA

Introdução:

Sabendo sobre importância é o papel do professor em proporcionar um ambiente onde as crianças se sintam seguras para se expressar e compartilhar seus pensamentos e ideias sem medo de repreensões por parte dos alunos e até mesmo do professor. Aponta-se a figura do professor como mediador entre o conhecimento e aluno. É ele o responsável direto em permitir que o aluno interaja com o meio em que está inserido estabelecendo com ele relações que ampliará cada vez mais as concepções e impressões que tem de mundo.

Com as atuais mudanças nas quais as crianças ingressam no ensino fundamental cada vez mais novas tendo que se adaptarem a tantas mudanças, de colégio (muitas vezes), de turma, de professor, enfim mudanças que certamente se não forem tratadas com importância no intuito de ajudar a criança nesse processo, certamente deixaram algumas marcas negativas que influenciaram no seu processo de aprendizagem.

Com base nos laços de afetividades feitos entre professor e aluno durante o período pré- escolar e do distanciamento e esfriamento que ocorre por parte de alguns professores nas séries iniciais do ensino fundamental, alguns questionamentos surgem sobre a importância da afetividade no processo de desenvolvimento da criança.

Dessa forma o objetivo desse trabalho foi de descobrir se a afetividade está relacionada e pode influenciar no processo cognitivo de crianças de séries iniciais.

Para compreender o tema apoiamos a pesquisa nos estudos de Henri Wallon, grande defensor da valorização da afetividade, como sendo um aspecto importante para o desenvolvimento integral do individuo tornando assim esse quesito uma responsabilidade da escola também, já que um dos propositos da educação é essa formação integral do individuo. Para complementar o estudo e as ideias de Wallon trabalhamos também com as propostas de Isabel Galvão, Abigail Alvarenga Mahoney, Yves de La Taille, Valéria Arantes Amorim, Heloisa Dantas e Paulo Freire que também abordam essa temática.

Para realização desse trabalho, foi utilizado como procedimento metodológico a pesquisa exploratória bibliográfica.

Somos responsáveis pelo que os alunos serão no futuro, queremos alunos insensíveis que não saibam lidar e respeitar os sentimentos e emoções? O sentimento é algo nato do ser humano devemos nos preocupar como esses alunos vão lidar com possíveis problemas e situações. Sem esquecer que também assim os

professores podemos tornar possível que seus alunos alcancem um melhor rendimento no processo ensino-aprendizagem.

A afetividade e a emoção segundo Henri Wallon

Desde a antiga Grécia vários filósofos tentaram separar a razão e a emoção, dando ao pensamento uma maior importância, como se o pensamento tivesse mais valor do que todos os outros domínios humanos.

Na história da Psicologia podemos observar que por muito tempo estudaram separadamente os processos cognitivos e os afetivos onde se tinham algumas pessoas responsáveis pelo estudo de comportamento externo, outras que estudavam e buscavam compreender o raciocínio humano e havia também algumas poucas que estudavam os aspectos afetivos dedicando a esse aspecto um papel secundário. Segundo Galvão nessa época se destacavam com maior enfase duas linhas de pensamento.

A primeira abordagem dominante representada por autores como Kantos e Lapicque, vê as emoções com as reações incoerentes e tumultuadas. Destaca seu efeito desagregador, perturbado sobre a atividade motora e intelectual. Segunda tendência, representada por Cannon, destaca o poder ativador das emoções, considerando-as como reações positivas. Acompanhadas de uma descarga de adrenalina na circulação e do aumento da quantidade de glicose no sangue e nos tecidos, as emoções provocam aumento de disponibilidades energéticas , o que é, para os adeptos desta abordagem, útil para a ação sobre o mundo físico. Para ilustrar este efeito ativador, criamos uma situação em que a emoção atua disponibilizando a energia para a ação, no caso, para a fuga. (GALVÃO,2008 p.58)

Infelizmente hoje ainda encontramos essa valorização do desenvolvimento cognitivo e o desmerecimento do desenvolvimento afetivo, muitas vezes ouvimos metáforas como: pense melhor não aja com o coração, o que nos faz perceber que para a pessoa fazer uma boa escolha é necessário que ela se livre dos sentimentos tendo que controlar assim a dimensão afetiva.

A afetividade é um assunto que vem sendo deixado fora das salas de aula, pois muitos não a consideram importante para o desenvolvimento, como se fosse possível separar o ser humano entre o cognitivo, afetivo e motor. A escola acaba estimulando apenas algumas áreas e deixando outras, como se fosse possível separar o ser humano em partes e deixar o que não interessa fora do espaço escolar.

Henri Wallon nasceu em, 1879 em Paris, França. Graduou-se em medicina, psicologia e filosofia. Se formou em psicologia em 1908 e se tornou assistente do professor Nageotte que tinha como especialidade a Histopatologia e inicia seu trabalho no hospital Bicêtre e Salpêtrière onde coleta dados para seu doutorado e para seu primeiro livro que foi defendido apenas em 1925 que tinha como título L'enfant turbulent (A criança agitada). A defesa do seu livro demorou devido a participação de Wallon na primeira Guerra Mundial. Na primeira Guerra Mundial atuou como médico ajudando e cuidando de pessoas com distúrbios psiquiátricos.

A sua experiência nos campos de batalha, ajudou a impactar as ideias que tinha sobre o desenvolvimento infantil e sobre a relação existente entre a emoção e a razão. Ele observou que o trauma era mais forte e mais comum entre soldados do que nos seus superiores e começou a se questionar sobre se haveria alguma relação com o controle emocional que os responsáveis pelas tropas tinham que ter. A resposta a essa questão determinou grande parte da sua produção, que mostra a emoção na psicologia humana.

Na década de 20, ele continuou com atendimentos pedo-psiquiátrico só que atendimentos no Laboratório de Psicobiologia anexo a uma escola de periferia de Paris.

Aproximando-se assim das crianças, da gênese dos problemas.

Em 1927 se torna presidente da Sociedade Francesa de Psicologia e como diretor de estudos na École Pratique de Hautes Etudes o que permite continuar com as pesquisas em laboratório.

Já em 1929 juntamente com Henri Pièron funda o Instituto Nacional do Estudo do Trabalho e de Orientação Profissional o que gera seu terceiro trabalho intitulado

"Princípios de psicologia aplicada", publicado em 1930.

O distanciamento entre o orgânico e social só ocorre na década de 30, em uma viagem a Rússia para participar do congresso sobre Psicologia Clínica em 1931, quando Wallon é convidado a participar do Círculo da Nova Rússia, um grupo de intelectuais que almejava aproximar-se das teses marxistas em seus respectivos campos de interesses. A partir desse envolvimento é que teremos Wallon definindo sua psicologia. Seu primeiro grande livro "As origens do caráter" é publicado em 1934 onde tem desenvolvida suas ideias sobre a formação do eu e o papel intrínseco da emoção e do movimento nesse desenvolvimento.

No ano seguinte a publicação do livro "As origens do caráter" Wallon foi convidado a agregar o quadro de professores Collège de France, uma tradicional casa universitária que demora dois anos para concretizar sua admissão. Essa dificuldade de aceitar Wallon no espaço universitário aconteceu devido as políticas internas da instituição e pelo engajamento político do autor as teses marxistas, não sendo um engajamento partidário.

Em 1944 é indicado a Ministro da Educação do governo da resistência, cargo que ocupa em apenas um mês, porém existe uma intensa ligação entre ele e a educação, ele deixa claro que o vínculo ideal entre a pedagogia e a psicologia não pode ser de submissão entre as duas disciplinas, mas deve ser de integração e de fortalecimento. Já que uma tem muito a oferecer a outra, como a psicologia pode ajudar propondo teorias adequadas para a tarefa de ensinar, esclarecer os vários estágios do desenvolvimento pelo qual os alunos passam. Já a pedagogia fornece não só o material para seu trabalho como também indica a problematização de situações que não são suscetíveis aos psicólogos.

A década de 40 apesar da Segunda Guerra Mundial traz as mais importantes obras de Wallon: A evolução psicológica da criança (1941); Do ato ao pensamento

(1942) e As origens do pensamento na criança (1945).

Sem filhos, pouco se sabe sobre seu relacionamento com Germaine Anne Roussey Wallon, poucos meses após a morte de sua esposa (1953), Wallon sofre um acidente de carro (é atropelado) e acaba ficando os anos finais de sua vida de cama. Publicou cerca de 80 novas publicações até a data de sua morte, em 1º de dezembro de 1962.

A afetividade vem sendo discutida a muito tempo, porém de uma forma mecânica, simplória e sem explorar toda sua complexidade. Com base nisso as pesquisas de Henri Wallon surgem como um divisor de águas pois o autor se baseia em uma visão não fragmentada do desenvolvimento e busca compreender de forma integrada o ato motor, a afetividade e a inteligência valorizando sempre as relações que o indivíduo mantem com o meio. Segundo Mahoney (2000):

O motor, o afetivo, o cognitivo, a pessoa, embora cada um desses aspectos tenha identidade estrutural e funcional diferenciada, estão tão integrados que cada um é parte constitutiva dos outros. Sua separação se faz necessária apenas para a descrição do processo. Uma das conseqüências dessa interpretação é de que qualquer atividade humana sempre interfere em todos eles. Qualquer atividade motora tem ressonâncias afetivas e cognitivas; toda disposição afetiva tem ressonâncias motoras e cognitivas; toda operação mental tem ressonâncias afetivas e motoras. E todas essas ressonâncias têm um impacto no quarto conjunto: a pessoa. (p. 15)

Segundo Galvão para superar as correntes que até então predominavam, que tratava a emoção como elemento perturbador ou como um mero acessório da ação humana Wallon voltou seus olhos para os primórdios provando que nesse período as emoções têm presença preponderante sendo esse considerado importante para sua compreensão. Para Wallon a emoção encontra-se na origem da consciência, na passagem do mundo orgânico para o social, do plano fisiológico para o psíquico. Para conhecer a origem e a formação do desenvolvimento humano focou seu olhar para as crianças, considerando que o desenvolvimento é construído na interação do sujeito com o ambiente, pois a afetividade se manifesta desde tenra idade. Segundo Galvão estudos realizados (TREVARTHEN,1993; STERN, 1992) comprovam que os bebês deixa os objetos de lado e dá preferência as pessoas, dessa forma podemos reconhecer capacidades tipicamente humanas e sendo capaz de compreender as emoções. Mais como é possível tal interação entre criança e adultos se ela se encontra na fase egocêntrica?

Nessa visão o que se tem é uma transposição apressada de aspectos das primeiras formulações teóricas de Piaget, quando ele vinculava o “egocentrismo” ao comportamento social e verbal das crianças. Uma descentralização progressiva, com possibilidade de considerar o ponto de vista de outros de coordenar seu ponto de vista com os dos demais e a capacidade plena de cooperação, só seria possível partir dos sete ou oito anos. (GALVÃO,IN AMORIM,2003 p.72)

Tendo um significado próprio na teoria de Piaget, transferiram a ideia de egocentrismo para a educação de forma linear, criando assim um distanciamento nas interações tão importantes na primeira infância e desperdiçando um vasto campo de possibilidades pedagógicas.

Ao considerarmos interação apenas as situações onde existam ações em caldeamento, deixaremos de aceitar a interação entre as próprias crianças, ação vivenciada no primeiro ano de vida. Se restringimos a interação apenas a cooperação, quando uma criança brinca e outra observar, se olharmos com base nessa ideia estaremos afirmando que não existe interação, porém se olharmos de forma sensível perceberemos que a criança que brinca se exibe para o companheiro estimulado pelo seu olhar, já o observador se mantem envolvido na atividade do outro como se participasse dela acompanhando pelos seus gestos, mimicas entre outras variações corporais.

Numa definição ampla, devem estar incluídas também as relações das pessoas com as produções culturais historicamente acumuladas, fruto das relações entre os seres humanos e destes com a natureza. Mesmo na ausência de um parceiro concreto, nessas interações com os produtos da cultura, o outro encontra-se presente, mas mediado pela linguagem, pelas representações e demais manifestações culturais. Mas essa possibilidade de interação a distância é adquirida aos poucos, com o progressivo desenvolvimento das capacidades de representação mental e com aprendizado das linguagens produzidas socialmente e de seus produtos. (GALVÃO,IN AMORIM,2003 p73)

O grande descobrimento de Wallon foi ter abordado o estágio emotivo que acontece por volta dos 6 meses que caracteriza a passagem do orgânico ao psíquico, são as emoções estabelecendo assim as primeiras trocas com o mundo exterior. Nesse período a afetividade é encontrada nas manifestações fisiológicas.

Sozinho o bebê não é capaz nem mesmo de virar-se de uma posição incômoda, para sua sobrevivência depende de ajuda de parceiros mais experientes. Sua primeira atividade eficaz é desencadear no outro reações de ajuda para satisfazer suas necessidades. Não há adulto que permaneça indiferente aos gritos ou gesticulações de um recém-nascido. (GALVÃO 2008 p.60)

No início de sua vida os bebês por meio de gestos impulsivos, expressam de forma orgânica o estado afetivo de bem estar ou não, como se acontecesse um contagio afetivo os adultos buscam soluções para atender as necessidades do recém-nascido, nessa interação entre o adulto e o bebê acontece um diálogo afetivo baseado em contato corporal e expressões (sorriso, conversa, canto...). As reações do bebê precisam ser interpretadas e completadas, pois são incapazes de fazer algo por si próprio, suas primeiras atitudes tomam forma nesse movimento que o outro faz para satisfazer suas necessidades. Nessa troca entre o indivíduo e o meio vão se construindo interpretações para as expressões e assim constituindo emoções mais definidas e diferenciadas.

Logo após seu nascimento o bebê sorri sozinho sem motivo ou razão é um sorriso fisiológico, depois passa a sorrir quando está em companhia de pessoas é

um sorriso social, já no segundo semestre de vida já é possível reconhecer a presença da emoção, como também a alegria, a perplexidade, e o medo. Na interação com o outro o movimento passa a ser afetividade exteriorizada.

A criança, primeiramente está interligada à mãe, aos poucos diferencia outras pessoas como o pai, avós e tios. Sua interação se amplia com a aquisição da fala e do andar. Andando, a criança interage com o meio, diferenciando e nomeando as pessoas e objetos.

Costuma-se usar os termos afetividade e emoção como se fossem sinônimos, porém, não o são. Na sua Teoria das Emoções Wallon define a emoção como exteriorização da afetividade.

As emoções, são a exteriorização da afetividade(....) Nelas que assentam os exercícios gregários, que são uma forma primitiva de comunhão e de comunidade. As relações que elas tornam possíveis afinam os seus meios de expressão, e fazem deles instrumentos de sociabilidade cada vez mais especializados. (WALLON 1975, p. 143)

A afetividade é um conceito abrangente no qual se insere várias manifestações, já as emoções possuem características específicas que são sempre acompanhadas de alterações orgânicas e alteração mímica facial (postura e os gestos).

É grande o destaque que a análise walloniana dá ao componente corporal das emoções. Wallon mostra que todas as emoções podem ser vinculadas à maneira como o tônus se forma, se conserva ou se consome.(GALVÃO,2008 p.62)

A emoção origina-se das sensibilidades internas ligadas às vísceras e aos músculos responsáveis pela atividade motora.

As emoções, os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva, no bebê, a afetividade é vivida como sensação corporal e expressa sob a forma de emoção. Nessa fase, a criança ainda está muito dependente do outro, pois o processo de individualização está apenas se iniciando. Ela se relaciona com o outro sem se diferenciar dele. Com a aquisição da linguagem diversificam e ampliam o estado afetivo e a forma de exteriorização. Com o desenvolvimento a afetividade vai se tornando independente das manifestações corporais. A fala é a expressão da representação mental, faz com que aconteça uma variação na demonstração afetiva, pois a linguagem pode ser provocada por situações abstratas e ideias, e possam ser expressas por palavras.

Dos três ao cinco anos a criança está no estágio do personalismo, onde ela já se diferencia do outro, tomando consciência de si ela começa a perceber as relações e os diferentes papéis que existem no universo familiar, ao mesmo tempo em que se vê como um elemento dessa família. A criança se vê capaz de participar de grupos diferenciados.

Para Wallon (1975): “Há tomada de consciência pelo indivíduo do grupo de que faz parte, há tomada de consciência pelo grupo da importância que pode ter em relação aos indivíduos. (p.215)”.

As crianças menores de 6 anos apesar de já terem a linguagem verbal bem desenvolvida, utiliza muito a linguagem

emocional. O choro, a linguagem corporal e facial permite o professor perceber seu aluno.

Um exemplo de como as crianças maiores continuam a utilizar a linguagem emocional, são as crises de choro sem motivo aparente, como aquelas típicas de final de tarde de um dia bem agitado, as crianças se mostram muito irritadas e por um pretexto qualquer, faz birra e briga até chorar mostrando-se depois dessa situação calma e relaxada. Através do choro descarrega a tensão que a impedia de relaxar. Porém devemos nos atentar pois segundo Galvão:

Dependendo da forma que se escolher para dar plena vazão a uma manifestação emocional, o resultado pode ser, ao contrário, uma intensificação dos seus efeitos. Esse fato é de observação corrente para professores que se surpreendem quando seus alunos voltando do recreio, momento em que pularam, correram e gritaram à vontade, ainda mais agitados do que quando saíram, contrariando a expectativas de que voltassem mais "tranqüilos" dada a oportunidade de descarga. (75)

A adolescência que tem início aos 12 anos, tem como característica as transformações da área fisiológica, corporal, psíquica com predominância afetiva.

No adulto geralmente, essas crises emotivas são mais controladas, as emoções aparecem reduzidas, pois são subordinadas ao controle das funções psíquicas superiores. As teorias clássicas tendem identificá-las como ação sobre o mundo efetivando seus efeitos motores e mentais.

"Sendo a vida emocional a condição primeira das relações interindividuais, podemos dizer que ela está também na origem da atividade representativa, logo, da vida intelectual." (GALVÃO, 2003 p74).

Algo importante da abordagem de Wallon é o fato de que o gesto tem uma outra função além de executar ações, ele exprime também as disposições afetivas do sujeito, as variações tônicos-posturais atuam como produtoras de estados emocionais ou seja existem relações entre o movimento e a emoção, as mudanças na mímica facial e nas postura corporal mostram variações internas, a afetividade manifestada como atividade tônica, pois o aparelho muscular recebe e sinaliza as impressões afetivas no bebê as fortes tensões são transformadas em contorções e espasmos gerando crises emotivas. A emoção é frágil e sujeita a mudanças no período de sua manifestação isto é a labilidade.

A manifestação mais primitiva da labilidade estaria nas cócegas que até limiar, podem produzir risadas e uma vivência de prazer e ultrapassando esse limite, podem provocar choro e dor. A brusca mudança de sentido do fluxo tônico ajudaria a explicar as bruscas inversões na totalidade emocional. (GALVÃO,IN AMORIM 2003 p75)

Além da labilidade, os componentes tônico-posturais das emoções são também responsáveis pelo prolongamento das manifestações afetivas independentes de sua causa. Wallon chamou essa manifestação de narcisismo emocional, isso é quando rimos por algum motivo e não paramos mais embalados pela nossa própria risada.

Com o desenvolvimento psíquico, a afetividade vai adquirindo independência de fatores corporais (nunca total), a fala e a representação mental faz com que as variações possam ser provocadas por situações abstratas e ideias, podendo ser expressas por palavras, também passasse a se ter um maior controle sobre as manifestações afetivas.

O estado emocional sempre terá um impacto sobre a vida cognitiva. Wallon defende a indissociabilidade desses dois aspectos e acredita que: pela emoção a criança tem acesso à linguagem, instrumento fundamental da atividade intelectual. Deixando bem claro o papel da emoção na origem da cognição, o autor vai insistir também na relação de antagonismo que se estabelece entre esses dois campos.

A aquisição da reflexão mental faz com que as manifestações afetivas sejam reduzidas, pois os sujeitos passam a pensar sobre suas consequências. A emoção também tem a tendência de reduzir a eficiência do funcionamento cognitivo, nesse sentido ela é regressiva, mas com a capacidade cortical ela poderá retomar a ter controle da situação, se ele for bem-sucedido situações positivas vão surgir e a emoção reduzirá, mas não totalmente. Somente quando não consegue difundir a emoção em ação motora ou cognição e ela permanecer pura e intensa, será produzido ações desorganizas.

Wallon defende a ideia de que a emoção é extremamente contagiosa, nas relações entre as pessoas. Esse contágio inicia nas relações de mãe/bebê, onde ambos parecem estar mantendo um diálogo tônico, isto acontece também nas relações entre grupo de adultos.

Em situação de crise emocional (quando o sujeito mergulha completamente nos efeitos da emoção e perde o controle sobre sobre suas próprias ações) a tendencia é que os efeitos da emoção se desvaneçam caso não haja reações por parte do meio. Ou seja, na ausência de "platéia" as crises emocionais tendem a perder sua força.

(GALVÃO,2008 p.65)

Ele ainda faz uma relação entre o desempenho das emoções na psicogênese e as emoções tidas na história da civilização, ele destaca o papel da mesma nos ritos coletivos, onde diversas pessoas realizam o mesmo movimento, no mesmo ritmo não dependendo de um acordo verbal precedendo o entendimento intelectual, onde ocorre trocas psíquicas. As emoções estabelecem uma relação imediata nos indivíduos independente da relação intelectual dos envolvidos.

Hoje em dia podemos ver a ação contagiosa da afetividade nas festas coletivas, o carnaval é um exemplo de festa onde é possível observar o papel unificador, pois as pessoas que participam se sentem envolvidas como parte do todo. Outro exemplo são as torcidas de futebol, onde as emoções podem apontar para diversos lados, como união ou conflito.

E explica também a facilidade pela qual a atmosfera emocional domina eventos que reúnem grande concentração de pessoas, como comício, concertos de música, rituais religiosos, situações nas quais apaga-se, em cada um, a noção de individualidade. (GALVÃO,2008 p. 65) Na

corrente walloniana as emoções e seus recursos expressivos são meios importantes para a interação social, onde o eu está misturado no outro e nas circunstâncias concretas. Isso acontece entre adultos também quando esse se vê diluído em um determinado grupo. A criança pode ter sua personalidade fragmentada, dispersa ou fundida em situações exteriores. Enquanto é frágil na consciência de si é, paralelamente também do outro.

Já por volta dos três anos acontece a crise do personalismo, onde acontece uma brusca reviravolta nas atitudes das crianças e nas relações com o meio. Onde a criança se opõe ao outro, negando o não-eu, vai tendo uma identidade mais estável menos fundida nas situações da qual participa.

As brigas por objetos ou outros motivos teriam relação com essa diferenciação entre o eu e o outro, é importante ressaltar que a crise do personalismo inicia a constituição do eu mas não acaba o movimento de individualização. Sendo o outro parceiro permanente, essa diferenciação nunca acontece totalmente, essa fusão pode acontecer em diversas situações como em momentos de cansaço, dificuldades, enamoramentos. A oposição sempre se mantém como recurso de diferencialmente e pode aparecer em outras situações como a crise que acontece na adolescência. O processo de criação do eu se dá por duas vertentes, que é a expulsão do outro e sua incorporação. A imitação é um elemento importante para incorporar elementos de pessoas significativas.

O indivíduo é um ser geneticamente social, isso quer dizer que ele precisa do outro para se delimitar como pessoa. Para Wallon, o meio social é um aspecto essencial para a construção do eu; a necessidade de se diferenciar do outro, faz surgir a vontade de dominar-se, o outro nessa situação passa a ser o parâmetro para a formação de sua identidade.

Não dá para imaginar a construção do indivíduo sem ser no meio social, acreditar nisso seria o mesmo que negar a influência da família e da escola no processo de formação.

Com a família a criança aprende e se insere nas primeiras condutas sociais, a criança nessa fase é altamente influenciada pela relação que mantém com as pessoas, o que reflete na formação psíquica da criança.

Já quando a criança se diferencia do outro, a escola tem um papel importante para o desenvolvimento da personalidade infantil, é nesse meio que ela distingui o meio familiar da escola e as relações que acontece em cada ambiente. Na escola a criança mantém relações diferenciadas. As relações estabelecidas são importantes para o processo de apropriação cultural, através da interação entre professor e criança e entre as próprias crianças vão se construindo padrões de relação.

A relação professor-aluno pode proporcionar riquíssimas possibilidades de crescimento desses alunos, inclusive os conflitos que podem vir a existir nessa relação serão determinantes na personalidade da criança.

As experiências vividas com outras pessoas é o que dará um sentido afetivo ao objeto de estudo, dessa forma a internalização tem envolvido os aspectos cognitivos e afetivos. “Não aprendemos de

qualquer um, aprendemos daquele que outorgamos confiança e o direito de ensinar" (Fernández,1991, p.47).

As experiências ocorrem no plano externo inicialmente e através da mediação vão se internalizando e passam a fazer parte da atividade individual, essas são também experiências afetivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que muitas escolas ainda valorizam apenas os aspectos cognitivos, desconsiderando dessa forma os aspectos afetivos e deixando de oferecer aos nossos alunos a educação que nos é preconizada nas leis vigentes. Segundo o artigo 2 da LDB temos como finalidades da educação o pleno desenvolvimento do educando. Quando tratamos das questões apenas cognitivas no espaço escolar estamos negando aos nossos alunos um dos seus direitos.

Wallon acreditava que todos deveriam ter as mesmas oportunidades, para isso seria necessário primeiramente haver escola para todos, onde fosse possível proporcionar o desenvolvimento intelectual, estético e moral experimentando e descobrindo de acordo com sua fase de desenvolvimento.

O professor pode e deve auxiliar os alunos nas indecisões e angústias, com atividades que promova o reconhecimento de suas tendências, o cultivo de aptidões e orientando o estabelecimento de metas e objetivos futuros.

A escola precisa repensar seu papel, para que seja possível oferecer um ensino de qualidade a todos, onde o ser humano é valorizado e estimulado de forma integral. O professor é um elemento essencial para que mude a realidade da escola, pois um professor bem-preparado tem como mediar situações que às vezes só é possível compreender quando o aluno é compreendido em todas suas dimensões. Segundo Almeida:

Wallon, psicólogo e educador, legou-nos muitas outras lições. A nós, professores, duas são particularmente importantes. Somos pessoas completas: com afeto, cognição, e movimento, e nos relacionamos com um aluno, também pessoa completa, integral, com afeto, cognição e movimento.

Somos componentes privilegiados do meio de nosso aluno. (p.86)

Devemos levar em conta esse ser integral para que a escola possa ser um espaço prazeroso e de grande aprendizado.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Valéria Amorim. A afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2003.

AZEVEDO, Cleomar. As Emoções no Processo de Alfabetização e a Atuação Docente. São Paulo, SP: Vetor, 2003.

AZEVEDO, Israel Belo de. O Prazer da Produção Científica- Descubra como é fácil e agradável elaborar trabalhos acadêmicos. São Paulo, SP: Editora Hagnos, 2001.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. Wallon e a Educação. In: Henri Wallon – Psicologia e Educação. São Paulo: Loyola,